

DEP. CELSO BRANT A NR:

«FORUM DE MOSCOW: FESTA DE PAZ DAS JUVENTUDES»

«O Fórum da Juventude de Moscou, foi, antes de tudo, uma demonstração da unidade de pontos de vista dos jovens no tocante aos grandes problemas universais», disse à reportagem o deputado Celso Brant (PR de Minas Gerais e Frente Parlamentar Nacionalista), presidente da delegação brasileira que participou do Fórum de Moscou em 23 de julho passado a 3 de agosto corrente. «Lá estavam — prossegue o dep. Celso Brant — rapazes e moças de todos os países, oriundos das regiões mais dispares e com formações culturais mais diferentes; isto, porém, não impediu de reconhecer as grandes soluções. E, realmente, extraordinária a revolução que se operou no mundo, antigamente, os jovens só eram chamados, os eram ouvidos, quando soava o grito de guerra e tinham de partir para o campo de batalha, onde se sacrificavam em nome dos sagrados interesses da Pátria. Muitas vezes essas idéias não eram sentidas com um reduído número de exploradores do povo, ansiosos por garantir os seus privilégios. Agora — continua o nosso entrevistado — moços discutem os assuntos relativos à Paz, e chegam à conclusão que ela é essencial a um mundo de justiça social e de trabalho construtivo».

REUNIÃO DE DEBATES

O Fórum, do qual participaram milhares de organizações juvenis de diferentes países, organizações estudantis, operárias, campesinas esportivas, culturais, artísticas, recreativas religiosas e políticas, não foi um conclave que se realizasse com a preocupação de aprovar resoluções, mas sim uma reunião onde se colocavam em primeiro plano a troca de opiniões, a exposição de pontos de vista, por mais divergentes que fossem. A principal preocupação das entidades que o convocaram (142 organizações juvenis de 80 diversos países) foi a de contribuir para que os jovens de todo o mundo se conheçam melhor e que, independente de suas diferenças, estreitem mais ainda seus laços de amizade. O objetivo foi plenamente atingido.

MENSAGEM

No seu encerramento o Fórum reuniu em Moscou dirigidos aos jovens de todo o mundo uma «mensagem», cujos tópicos principais transcrevemos:

«Nós, representantes das organizações juvenis de todos os rincões do planeta, reunimo-nos no Fórum Mundial em Moscou. Trouxe-nos a este encontro o sentimento da responsabilidade pelos destinos da nova geração da segunda metade do século XX. Sem ocultar nossas concepções políticas, em discussão aberta e honesta sobre todas as problemas chegamos à firme convicção de que, não obstante as diferenças de pontos de vista, as questões discutidas no Fórum têm para cada um de nós uma importância de primeira ordem, e podemos encontrar um caminho comum para a solução. Aspiramos a assegurar a paz duradoura na Terra. Para isto é necessário a liquidação total do colonialismo a garantia da independência nacional de todos os povos, da coexistência pacífica de todos os países com sistemas sociais e econômicos diferentes e a consecução do desenvolvimento total e controlado».

«A coexistência pacífica firme e pode ser a única forma de relações entre países com diferentes regimes econômicos e sociais».

«Nossa consciência, nossos sentimentos, ferrem de ira e de ódio contra o racismo e a discriminação, a mais abjeta expressão de colonialismo. Todos os homens, independente da cor de sua pele, do seu modo de vida, de seu nível de desenvolvimento econômico e cultural, têm direito a uma existência livre e independente».

«Condenamos com toda a decisão qualquer intento de abafar pelas armas as aspirações dos povos à liberdade e ao desenvolvimento independente. Condenamos a intervenção agressiva do imperialismo nos assuntos internos de outros países, o estabelecimento, contra a vontade dos povos nativos, de bases militares e da ocupação de seus territórios com objetivos militares, como vem sucedendo em Cuba, no Laos, na Tunísia, no Iran, em Formosa e outros lugares».

«Estamos decididamente contra o fato de que, a pretexto de «ajuda», se imponha o jogo do colonialismo. Muitos povos, ainda, estão submetidos à opressão dos monopólios estrangeiros que saqueiam suas riquezas nacionais. Eles impõem a dependência econômica e os mantêm no atraso».

«Saúdamos os povos e a juventude dos países da Ásia, África e América Latina que em luta dura e tenaz vêm logrando conquistar sua liberdade e sua independência, e a passo firme, marcham no caminho da construção de uma nova ordem».

«Temos que lutar para que a juventude da terra se eduque no espírito do humanismo e da ciência, no espírito do ódio ao fascismo e ao racismo, de adesão à democracia e ao progresso».

«Recordamos que a cultura moderna e o progresso científico têm feito que as gerações novas sejam mais conscientes de seus direitos inalienáveis. Em muitos países, o direito às liberdades democráticas, o direito ao trabalho e as condições de

trabalho humanas, o salário igual por um trabalho igual, sem discriminação de raça, sexo ou idade, o direito à terra para quem a trabalha, o direito ao ensino gratuito e democrático, a um trato digno do homem, à assistência médica, ao descanso e à prática dos esportes, tudo isto, significa problemas ainda não resolvidos, e cuja solução é nossa causa comum, causa de toda a nova geração e de todos os povos da terra».

«Cheios de decisão e esperança dirigimo-nos à juventude do mundo com o chamamento a fortalecer a unidade de nossas lutas e a desenvolver por todos os meios a cooperação internacional».



BRASIL NO «FORUM»

Jovens de todo o mundo reuniram-se em Moscou, de 26 de julho a 3 de agosto, participando do «Forum» Mundial da Juventude. O Brasil compareceu com uma

delegação de estudantes e trabalhadores, presidida pelo deputado Celso Brant. Na foto, delegados brasileiros durante uma festa realizada no Clube dos Jovens.

MOSCOW COMPARECEU

A uma pergunta nossa sobre o comportamento dos jovens residentes em Moscou em relação ao Fórum respondeu o parlamentar nacionalista: «A juventude soviética prestou com todo o entusiasmo o Fórum. A sua colaboração foi decisiva para o bom andamento dos trabalhos. Malámente, a parte artística, que foi por ela organizada, constituiu verdadeiro deslumbramento. Vimos, em espetáculos magníficos, esplendentes desfiles de cores e conjuntos coreográficos de toda a União Soviética. A juventude soviética está consciente de sua alta missão no sentido de preservar a paz, e procura estar à altura dessa tarefa».

BRASILEIROS CONTRIBUÍRAM

Além do deputado Celso Brant, presidente, a delegação brasileira se compunha de representantes das entidades estudantis dentre os quais Oliveira Guanais, ex-presidente da UNE, e Diniz Cabral Filho, ex-secretário-geral da UBRE, de organizações políticas (Juventude Socialista, Mocidade Trabalhista, entre outras), e de jovens operários metalúrgicos e navais, além da nossa companheira de redação Zuleika Dalabert. «A delegação brasileira — disse o seu presidente — apesar de não ser das maiores foi das mais ativas. Os seus contactos com as delegações de quase todos os países serão

Tópicos Típicos

Pedro Severino

No século XVIII, a burguesia francesa era revolucionária, lutava contra os nobres e contra o feudalismo.

Naquele tempo, desenvolveu-se acentuado espírito crítico no ideólogo burguês, e a própria religião não lhes escapou ao exame franco e desdenhado. Um dos pensadores progressistas mais notáveis da época, o grande Voltaire, insistiu em páginas veementes e reacionaristas da Igreja e ridicularizou implacavelmente os sofismas da superstição.

Quando algumas autoridades eclesásticas tentaram explicar o terremoto de Lisboa (1755) como castigo de Deus e consequência da vida pecaminosa da cidade, Voltaire lembrou-se de Epicuro e disse: 1) Ou Deus podia ter evitado a catástrofe, mas não quis, e nesse caso Deus é cruel; 2) ou Deus queria ter evitado, mas não pôde, e nesse caso é impotente; 3) ou Deus não queria nem podia, e nesse caso é amba as coisas; 4) ou Deus queria e podia ter evitado o terremoto — e nesse caso é impossível saber por que não o evitou.

Em seu DICCIONÁRIO FILOSÓFICO, Voltaire descobriu lapsos e contradições até no livro dos Livros: a Bíblia.

Entre outras coisas, o escritor francês observou que a Nova Jerusalém, tal como a descreve o Apocalipse (cap. 21, vers. 16) teria uma altura igual ao comprimento e à largura, isto é, uma altura de dois mil estádios (500 léguas, 2.500 quilômetros). E comentou: «Haveria de ser bem desagradável morar no último andar de um edifício da nova Jerusalém».

Quarta observação feita por Voltaire é a de que a genealogia de Jesus Cristo é uma no Evangelho segundo São Mateus e é outra no Evangelho segundo São Lucas. Para São Mateus, São José — o pai putativo de Cristo — é filho de Jacob e neto de Mathan. Para São Lucas, São José é filho de Belê e neto de Mathath. Em que ficamos? São José é filho de quem, afinal de contas?

Outra ainda: Voltaire observou que o Levítico (terceiro livro do Pentateuco) proíbe o casamento entre irmãos (cap. 18, vers. 16), porém, o Deuteronomio (quarto livro do Pentateuco) determina tal casamento como obrigatório, quando ocorre viuvez (cap. 25, vers. 5). Que quer dizer isso? Casar com a cunhada sem ocorrer viuvez não é casar, e proibir o casamento com a cunhada não é proibir a tal coisa, é claro. Mas, então, a que se refere?

Para evitar essas situações equívocas, como observou o meu bom amigo Paulo Saboya, a Bíblia deveria consistir somente de Joãoas em branco: o texto sagrado ficaria todo nas entrelinhas.

Os Posseiros de Trombas e Formoso Ainda Sofrem Ameaças Dos Grileiros

Reportagem de RUI FACÓ, enviado especial de NR (5ª e última de uma série)

A consideração final sobre o futuro das Associações de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Formoso-Trombas presunção, e claro, à manutenção de suas conquistas. Estas me pareceram consolidadas, a menos que advinha uma reviravolta, que já agora não seria, é de crer, de iniciativa do governo do Estado de Goiás, muito menos das autoridades municipais. Os posseiros têm hoje forte e crescente influência política na região e em municípios vizinhos. Elegem prefeito, vice-prefeito, presidente da Câmara Municipal, detendo o poder no município de Amaral Leite. Seu eleitorado é numeroso e em cada bloco pleiteio mais decisivo.

Isto não significa que seus inimigos estejam conformados com a fragorosa derrota que sofreram. De forma alguma. Continuam a tentar por todos os modos interferir na vida dos posseiros, não lhes dando tregua absoluta. Contudo, Pedro Forquilha não se altera: fala manso, em tom mais baixo do que antes, mas seus olhos ardem, profundos e duros, são sempre expressivos ao conversar. Diz para o agrimensor:

«Homem, se éle quiser aqui os 103 alqueires que nos damos a todos os que querem trabalhar na terra, nós damos. Dois mil é que não é possível, a menos que ele destrua a Associação, use aviãos, bombas, mestrabadeiras, mato não todo».

O agrimensor ainda alega que Pedro Ribeiro da Silva tem direito está com suas terras legalizadas.

«Então, para que medir? pergunta Forquilha.

O agrimensor lamenta a viagem longa acompanhada de 8 homens, com todos os instrumentos necessários, ate o alímetro.

«Vocês cobram a viagem deles...» aconselha Forquilha.

O agrimensor ainda volta a cargo, com bastante calma, é verdade, dando outro argumento: que Pedro Ribeiro não aceita os 103 alqueires, pois quer a terra para fazer negócios...

«Mas, pergunto eu, como se explica que ainda hoje o Departamento de Terras do governo do Estado de Goiás permaneça com a sua mesma estrutura antiga, de antiga estrutura grileira? Pois é sabido que nos atos de grilagem — não só em Goiás, no Brasil todo — são «legalizados» pelos Departamentos de Terras. E através deles que os advogados «especialistas» nestes assuntos, «profundos conhecedores» das autoridades coloniais outorgando sematários, «profundos conhecedores» das arcaicas genealogias dos descendentes dessas devoras-coras de terras abriem o recurso de «legal» de enormes extensões, inclusive de terras do Estado, para seu constituinte. E para estes também. Disseram-me em Goiânia que todos os advogados especialistas em tais causas, em Goiânia e Anápolis, são ao mesmo tempo grandes proprietários territoriais, através da grilagem».

O Departamento de Terras continua funcionando, nos moldes de uma velha máquina violada em favor dos grileiros. A vitória dos posseiros de Formoso-Trombas foi, assim, também uma vitória sobre o Departamento de Terras.

«O grosso da massa rural que nos últimos anos transpôs as fronteiras de Goiás veio precisamente do Maranhão, são rurícolas maranhenses sem terra ou que viviam em tais condições de penúria que tiveram de emigrar. Nas terras de Goiás essa gente está podendo viver e trabalhar e a maioria frutífera — não só porque tem lote de terra, mas porque éle põe de terra se o terreno não foi aberto e fertilizado — não há necessidade de infraestrutura agrícola. Quer dizer, não basta dar a terra, mas que quem trabalhar nela, é preciso assegurar que o pequeno (ou médio) proprietário não venha a cair sob as garras do latifundiário todo-poderoso. Em suma, é preciso destruir o latifúndio semi-fundido. Por ora, esta pelo menos, seriamente abolida a substituição dos que na SUDENE e imediações ainda têm medo de uma mudança radical na estrutura agrária do país».

ALGUMAS CONCLUSÕES

1 — Em Formoso-Trombas estamos diante de um fenômeno novo em nosso meio rural. A luta dos posseiros aqui teve algumas das características mais notáveis da melhor luta de habitantes pobres do campo em nosso país, no passado, em Canudos e Contestado. A grande diferença: a consciência que a anemia, como as classes dominantes sempre segaram de pé firme que o nosso homem sem terra nasceu pela terra — tanto no passado como hoje — tentou-se desferir o episódio de Formoso-Trombas, apresentando-o como simples «agitação de comunhão». O fato é que hoje se congregam naquela área uns 10.000 posseiros e seu número continua a crescer em ritmo intenso. Os posseiros adquiriram, com o tempo, «santa consciência da justiça» de sua causa que, assediados pelos grileiros, aproveitadores de terras desbravadas, opuseram-lhe tenaz resistência durante anos, e por fim saíram vencedores.

Demente-se, de tal forma, a luta adrede forjada pelas ideologias do latifúndio, de que o estropado no Brasil não quer terra, que os comunistas éle que inventaram isto. Poderão eles negar que Formoso-Trombas é uma luta direta pela terra? Uma luta consciente, consequente, em que os autônimos, de parte a parte, estão perfeitamente insentenciados?

2 — Aqui, como em todo o país, alguns privilegiados tratam de apossar-se de grandes extensões de terra não para cultivá-la mas para especular com ela. Con-

Canto de Página	Falas bonitas
Eneida	

Para sermos justos e verdadeiros, devemos declarar que a mania de fazer discursos a respeito de tudo e de todos os momentos, não é coisa só de brasileiros. O discurso é uma instituição internacional se bem que seja chatíssima, quase sempre. Tema o cavaleiro ou cavaleira um ar inspirado e começa a dizer coisas sobre coisas, molhas vées falando ao mesmo tempo de amor e de ódio, de fúrias e de lama, sem objetivo nem direção.

Perdidos os oradores que me lêem, se confesso a meu horror aos discursos, eu que sou apaixonado por um bate-papo, que acho que é conversando simplesmente que os homens se entendem. Simples e serenamente, sem aquelas frases empolgadas que — parece — os discursos exigem.

Vejam por exemplo o nome caso brasileiro já que ele é nosso, está na nossa pele e na nossa vida. Um orador fala sempre na «grandeza das nossas florestas» (mas era melhor que tivéssemos menos florestas e mais terra plantada, produzindo!) na beleza de nossos rios (onde acabam os peixes porque não há um sério trabalho em defesa da nossa piscicultura), e por aí vai.

Cidadã da Amazônia e amando enormemente minha terra, não aguento mais os oradores de lá ou os de cá, quando falam nela. É um cantar de riquezas que não acaba (a misteriosa comendo e bebendo que vive de farinha d'água porque não há mais dinheiro para comprar outra coisa) e lá vêm os Cabanos dizem geralmente: — Nós que temos o sangue dos Cabanos. Isso me dá engulhas. Sangue dos Cabanos? Mas éle, lutaram, lutaram como leões em defesa da terra, para que a terra fosse de todos. E nós que fazemos? Vájar à Amazônia é encontrar terras e terras devolutas; todas têm dono, não se lidam. Mas os donos andam por aí lido no estrangeiro e vivem de daqueles cabulosos famintos que trabalham e nada têm de seu.

Ah, meus amigos, como éreis meus discursos sobre a Amazônia apresentando-a como o Eldorado. Abandonada ao seu próprio destino, o caboclo pauva vive, na miséria, olha o rio e as árvores, rio e árvores que lhe são adversos.

Outro dia um moçoim estudantil veio me consultar sobre uma relação de pessoas que seria convidadas a fazer um curso sobre a Amazônia aqui no Rio. Ideia ótima, sem dúvida. Mas olhei a lista e disse para o jovem espanholado: — Este falar em botas e alaras, — Ete dirá frases lindas cantando o Amazonas «o maior rio do mundo». Não, menino, leve gente para contar junto com as nossas lendas, junto com as nossas belezas naturais, a nossa situação de miséria, de salários irrisórios, de fome, de falta de tudo. Leve gente — não pessimistas naturalmente — mas que diga a verdade sobre a Amazônia.

A mim, confesso, êses discursos, pompas sim, mas aos também sim, cansam, ou melhor, chatizam.

políticas são bem diversas. E quase sempre um absentista. É o homem que em Goiânia, em Anápolis, em Goiás Velho ou mesmo em Brasília, no ato, em São Paulo aguarda a vistoriação das terras para, com uma esperanca, «fazer negócio», como confessava o agrimensor a respeito do grileiro que o consultava.

3 — Tudo indica que a segura de maneira incontrolável — sobretudo agora — que exemplo de Formoso-Trombas e a vitória de seus posseiros — a conquista das terras devolutas no Brasil Central. A terra humana continua a aluir para seguir a região, facilitada agora enormemente pela máquina da Belém-Brasília, que como se explica a grande quebra feixes-de-moço, desgasta pouco de noite para o dia, provoca acidentes diários, espalhando cruas a terra da estrada, mas cujo tráfego não para, aumenta sempre, prolonga-se de fato até Belém. E despeja todos os dias novos e novos latifundiários nordestinos por todo o percurso de volta. São grupos mistos, muitas vezes encabeçados por um homem, que quase sempre não são o único ou o mais importante da família. Destacando-se inicialmente a alguma fazenda, já controlada. Depois, não suportando o trabalho semi-escravo, abandonam a fazenda, dispõem-se, vão em busca de um pedaço de terra. São os futuros posseiros. Não há estatística do IBGE capaz de contar os ou mesmo fazer um cálculo aproximado de seu número. A vaga humana continua a cair.

Episódio

Vamos um dos comerciantes de mica do patrimônio de Trombas. Chama-se Pedro Parana. É o presidente do Conselho agrícola. Bebe-se o café com o dono da casa, enquanto discute com um posseiro a questão de uma vaca vendida e não paga, põe o seu disco a funcionar. A voz grave de Niccolau Godin reclamo seus próprios poemas revolucionários, tem anteriores a revolução de São Castro e é apoiador ovívio, afirmamenta. Todos conversam ao mesmo tempo. É mais alto se esta todos fala um velhinho simpático. Bertoldo, lembrando canções de poemas políticos da Ilha Grande. Depois, conta várias histórias de sua terra, o Maranhão, onde era agricultor e foi preito depois de novembro de 1935. Houve de sacro, reservada ao joelho e nos ombros outros remédios, que assimelham dragões. Mais de trabalhador de enxada.

« Bons tempos aqueles! Recordo Bertoldo... — É a pelo interior do Maranhão quando fomos presos. Era eu e um moço, de uns 20 anos, por nome Rangeli. Que moço decidido! Ainda hoje me lembro... — Fomos presos e levados a Cavalo, para a casa de um fazendeiro. O fazendeiro conhecia o pai de Rangeli: «Mas o senhor está perdido nisto...» disse: «Sou amigo de seu pai» — e lhe estendeu a mão. O moço respondeu: «Me respeito, bandido, que eu não aperto a sua mão e não aperto mesmo. Depois, provevo, cadeia, Ilha Grande. Hoje estou por aqui. Tenho a minha terrinha, uns 25 alqueires, que trabalho com 4 filhos».

Em outras zonas, em todo o decurso da área de Formoso-Trombas, concentram-se camponeses recém-vindos do próprio interior de Goiás e dos Estados limítrofes. O governador goiano exaltou dia posseiros de Formoso-Trombas que não intensificassem outras lutas em áreas vizinhas. Não há realidade de incentivo exterior. O principal incentivo está no desenvolvimento econômico do país, no crescimento enorme de sua população; na incapacidade da indústria de absorver os excedentes agrícolas das zonas dominadas pelo latifúndio semi-fundido e na presença do próprio latifúndio em ruína e um imperativo de progresso. É uma réplica as velhas promessas de reforma agrícola, que os representantes do latifúndio no Parlamento e no governo têm impellido até hoje. É uma réplica, também, as contradições de reforma agrária como as de Ceres e Corumbá, respectivamente do governo e da Igreja católica, destinadas inicialmente a promover a produção rural sem terra. Estes

Agradecimento

Agradeço a todos os que me tornaram possível realizar esta viagem a Trombas e, em particular, aqueles que facilitaram a coleta de dados e informações utilizadas nesta série de reportagens. Quero citar os nomes daqueles aos quais devo os mais valiosos elementos informativos: os posseiros Forquilha, Soares, Gonalves, Parana, Joaquim Rosa, Bertoldo, Ribeiro Salvador, o agrimensor de Goiânia F. de I. Hebe, o dono de esmaltaria Garcia, a dona da pensão São Pedro, dona Coelhão e seu marido, o escavador de material Pedro Pernambuco, Azna Emerenciana e seu marido, Luis Aurélio.